

## Svalbard, uma aventura com início perto o Pólo Norte



## Quando foste e até quando ficas?

. Ora, como surgiu a oportunidade de vir para Svalbard, mais propriamente Longyearbyen, a cidade habitável mais a norte no Mundo...

Isso é de facto uma boa questão,ahaha!

A verdade é que já tinha conhecimento deste local há algum tempo. Sempre tive extrema curiosidade por ambientes extremos e prístinos. Locais aonde se nota que a vida é realmente um milagre, uma maravilha, um mistério sobre o qual tanto pensamos conhecer, mas na verdade tão pouco dominamos.

Locais aonde o desenvolvimento de vida parece impossível, mas acontece como que por magia. Locais com paisagens deslumbrantes, locais aonde o Homem não era suposto permanecer, mas, no entanto, lá perdura.

Tendo isto em mente e tendo um gosto enorme pela fotografia, Svalbard sempre foi um lugar que me cativou pelas mais variadas razões, sendo que, desde há uns anos, na minha mente tem existido.

Apesar disso, e sabendo que vivi durante um semestre, no ártico, como estudante, a tirar especialização em biologia marinha do ártico, não sabia, até há um ano, que era possível estudar naquele local.

A ocasião surge no momento em que começo à procura de oportunidades de Erasmus nos países nórdicos, no âmbito de biologia marinha. Foi, efetivamente, durante a pesquisa daquelas que, ao me encontrar no site da universidade de Bergen, me deparo com uma opção em que é possível ler, “ Como fazer candidatura para UNIS, Svalbard”.

Recordo que nesse momento parei durante uns segundos e um sorriso se desenhou na minha cara, pois o que fora um sonho há uns tempos, poderia ser a minha vida nos próximos.

De seguida informo-me, então, sobre essa opção, navego sobre o site da UNIS, vejo que há a possibilidade de fazer um curso em biologia marinha do ártico e outro em gestão ambiental do ártico e, como se isto não fosse já a cereja no topo do bolo, não, encontro ainda informação de que os cursos têm uma boa componente prática, com trabalho de campo, componente essa que para mim, em biologia marinha do ártico, significava passar 5 dias, ao longo de Spitzbergen, num navio de pesquisa, a fazer recolhas de diversos organismos para time series. No momento seguinte lembro-me apenas de uma coisa, “Estou dentro. Alinho! Isto é tudo o que poderia imaginar.”, agora sim, a cereja estava presente.

. Cheguei no início de Janeiro e fiquei até meio de junho. Um semestre.

Mas, como foi a minha vida naquele local único?

Mais uma vez, isto é uma questão que dá asas para uma conversa de horas, ahaha. Apesar de ser uma cidade pequena, com cerca de 2368 habitantes (dados de 2019), não há como não ter nada para fazer, principalmente quando se sai da cidade.

A quantidade de ocupações pode variar dependendo se te encontras em Svalbard durante o período “polar night”, ou seja, o período em que o sol não passa o horizonte e são 24 horas de escuridão ou “midnight sun”, período em que o sol não se põe.

Tendo chegado em janeiro passei, primeiro, pela “polar night”, tendo de seguida, vivido no tempo de “midnight sun”.



Durante o período de escuridão, as atividades variam desde hikes, snowmobile trips a ski, por exemplo. Mas, como estudante, no início encontrei-me um pouco confinado na cidade, pois para sair da mesma é necessário um certificado e licença de porte de arma, devido ao risco de encontro com ursos polares, licença essa que adquiri cerca de duas semanas após chegar, após ter completado o treinamento necessário, treinamento este que referenciarei adiante.



Quando a luz começa a chegar, as atividades acima permanecem, mas com mais frequência, pois toda a gente se sente mais confortável com um “campo de visão alargado”. Para além daquelas, as cabin trips também aumentam, tal como os passeios de barco.

Importante, também, referenciar que a partir de maio (normalmente) as viagens de snowmobile deixam de ser possíveis, devido ao derretimento de neve e gelo.





Tendo mencionado isto, como é óbvio, sendo estudante o meu dia-a-dia também passa por ir à universidade, ahaha. Uma parte da experiência Erasmus.

De uma forma um pouco mais detalhada, mas não muito extensa, tudo começou com a primeira semana, “safety course”.

Basicamente, durante a primeira semana todos os estudantes tiram uma especialização de sobrevivência no ártico, num ambiente extremo, passando por treinamento de risco de avalanche e resgate na mesma, risco de “cravasses” em glaciares e resgate no mesmo, navegação, risco em gelo marinho e potencial resgate no mesmo, ou seja, quando em travessia por cima de mar congelado, precauções a ter e caso o gelo ceder, como fazer resgate a companheiros, como sairmos da situação por nós mesmos, como reage o corpo... Para além disso, como mencionado anteriormente, temos segurança contra ursos polares, ou seja, no caso de encontro com os mesmos, como reagir e treino de arma, em termos de segurança, tal como primeiros socorros no ártico.

Após isso, começam então as aulas propriamente ditas.

As aulas são excelentes, com diversos guest lecturers especialistas numa certa área a virem até Svalbard, de diversos pontos do globo, apenas para ensinar.

Ou seja, em ambos os cursos, dependendo do módulo presente, tens um especialista diferente, poderei até dizer o melhor em campo, a ensinar-te sobre determinado assunto, com exemplos de investigação corrente e, como é de esperar, estando num ambiente em que os impactos climáticos se verificam como em nenhum outro, com exemplos correntes da atualidade, mudanças vividas pelos estudantes.

Falando particularmente da minha experiência, não tive um horário fixo, devido exatamente ao facto de haver sempre professores diferentes. Para além disso, existiu imensa dinamização das aulas, com algum trabalho de campo.

Para mim, o mais gratificante, a viagem pela zona oeste do arquipélago, até à “Marginal Ice Zone”, passando por diversas estações, que em termos de estudo científico nos permitiu recolher amostras de bentos, fitoplâncton, zooplâncton e peixe, de forma a poderem serem identificados até ao nível taxonómico mais baixo possível, fazendo parte de uma time-series. Sendo estes dados, em conjunto com anteriores e futuros, utilizados para os mais diversos estudos de forma a perceber o funcionamento, evolução do ecossistema existente à volta de Svalbard.

Os dados recolhidos durante aquele, foram publicados no gbif, sendo acessíveis ao público.



Isto é, então, apenas um pouco da parte académica de Erasmus.

Para além da mesma, e das atividades mencionadas anteriormente, é comum ir a diversos cafés, durante o dia, aonde o ambiente é super confortável e amigável. Durante as noites, os bares também são opções aonde conversas são efetuadas, jogos são jogados, música por vezes ouvida.

Também existe uma piscina, ginásio e pavilhão aonde diversos desportos podem ser praticados.

Apesar de haver uma espécie de rotina, esta não existe ao mesmo tempo.

Os planos são muitos, as coisas mudam, por vezes há hikes à meia noite, por vezes viagens às dez da manhã. Tudo neste sítio é sem dúvida incrível e as opções são diversas.

Ora, como penso que é possível verificar, Erasmus não é significado, apenas, de estudos.

Erasmus vai muito mais para além disso sendo, acima de tudo, uma experiência e descoberta pessoal, descoberta do ser, que se desenvolve pela descoberta de uma nova cultura, amizades desvendadas...

Para mim é deveras fascinante a possibilidade de estar sentado numa mesa, num pub, com outras seis pessoas, a conversar, trocar ideias, sendo todos nós de nacionalidades diferentes!

A riqueza é imensa e é disso mesmo que ela surge!



De uma forma mais pessoal, uma vez mais e uma forma de terminar o meu testemunho, apesar de ter noção de que nunca é suficiente o que tenho a dizer sobre o local aonde estive, se tivesse de dizer o que mais me surpreendeu no mesmo diria, sem dúvida, as paisagens!

Paisagens impossíveis de capturar, de tão sonhadoras que são!

Svalbard é, inquestionavelmente, deslumbrante, mágico, surreal! Tudo o que experienciei, vivi, são coisas que, provavelmente, não poderei ter noutra local! Sempre que saía da cidade tinha um dia único, inesperável num certo significado. Tudo, ou praticamente tudo me entusiasmava, sinceramente. Mesmo um simples ato como ir a um café, ou dar uma volta a pé pela cidade é especial! As montanhas envolvem a cidade e o fjorde é o ponto de entrada. Imaginem acordarem e verem a essência bruta da natureza, que mesmo que um pouco modificada pela civilização, permanece, inabalável e, apesar de que ameaçadora em diversos sentidos, protetora, formadora no seu core.



## Planos para o futuro próximo.

A próxima questão com o que me deparo é o que fazer a seguir...

As opções são extensas, variadas, talvez até ilimitadas.

Tenho dos mais variados interesses, interesses esses próximos entre si, mas distintos ao mesmo tempo.

Desde mestrado em ecotoxicologia marinha do ártico, mestrado em biologia dos ambientes extremos ou uma nova licenciatura em fotografia documental, penso que ideias não faltam.

Irei, com o término da licenciatura este ano, parar durante uns meses para fazer uma decisão pensada e não apenas em cima do joelho.

Se há uma coisa que aprendi com os meus pares, naquele ambiente distante, mas não irreal e tão importante para o planeta é que tenho tempo. Não é necessário apressar as coisas. A vida flui e o tempo flui com ela, mas não nos podemos esquecer que nós mesmos somos vida e que temos de viver.

O futuro é próximo e está presente, mas de momento pretendo tirar um tempo para pensar no que fazer a seguir, sendo que voltarei ao Ártico e irei, um dia, na Antártida, também trabalhar.



